



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MAYARA HARUKA SABINO NINOMIYA

ESTILO PARENTAL EM DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

BRASÍLIA

2019



MAYARA HARUKA SABINO NINOMIYA

ESTILO PARENTAL EM DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa.

Orientação: Simone Cerqueira da Silva

BRASÍLIA

2019

RESUMO

As práticas parentais são estratégias nas quais os pais utilizam para atingir objetivos específicos e o estilo parental é o conjunto dessas práticas, sendo assim o padrão global dessas características presente na relação dos pais com os filhos, elas podem se diferenciar de quatro maneiras, sendo autoritativo, autoritário, negligente e indulgente. Sabendo da importância que a relação familiar tem sobre a vida da criança e que é na família o principal contexto de desenvolvimento o presente estudo teve como objetivo identificar o estilo parental predominante e suas repercussões em diferentes configurações familiares, na perspectiva dos genitores e das crianças que foram ou estavam sendo atendidas em uma clínica escola de psicologia. A coleta de dados foi realizada através por meio da análise de 40 prontuários de crianças que realizaram ou que ainda estavam realizando atendimento psicológico na Clínica Escola de Psicologia do UniCEUB / CENFOR. Os prontuários analisados correspondiam a 74 participantes, sendo 26 mães, nove pais e 39 crianças de configurações familiares: tradicional, separado e outros (que engloba as configurações: recasados, extensa e adotiva). A pesquisa realizada é de cunho quantitativa e foi realizada análise do Inventário de Estilos Parentais (IEP), identificando assim, o estilo parental e as práticas educativas parentais: (a) estilo parental ótimo, (b) estilo parental regular acima da média, (c) estilo parental regular abaixo da média e (d) estilo parental de risco. Os resultados mostraram que entre as diferentes configurações familiares, o estilo parental predominante foi de risco. Enquanto que nas práticas parentais os estilos pró sociais obtiveram bons resultados, porém a as práticas antissociais (prática negativa) apresentaram índices preocupantes, e assim sobrepondo os índices das práticas positivas. Entre os estilos identificados nas autoavaliações e nas avaliações das crianças referentes aos seus genitores, foram identificados o estilo parental de risco na autoavaliação da mãe, na avaliação da criança referente à mãe e ao pai, enquanto que na autoavaliação do pai o estilo predominante foi o regular abaixo da média. Portanto, diante dos dados obtidos foi possível identificar uma alta presença de práticas coercitivas, as quais promovem uma modificação no comportamento da criança, imediata, mediante uma relação de poder autoritário.

Palavras-Chave: Estilo Parental. Práticas Parentais. Configuração Familiar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	06
3 METODOLOGIA.....	16
3.1 AMOSTRA.....	16
3.2 LOCAL.....	17
3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	17
3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6 REFERÊNCIAS.....	37
7 APÊNDICE.....	42
7.1 APÊNDICE A – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E ESTILO PARENTAL.....	42

INTRODUÇÃO

A contribuição da família para a promoção do desenvolvimento e bem-estar do ser humano é inegável (Dessen, 2012; Goitein e Cia, 2011; Grisante e Aiello, 2012), especialmente, na infância, momento considerado como uma janela de oportunidade para a promoção da saúde (Gottlieb, 2003). É possível considerar que, junto à família, as condições socioeconômicas e de moradia, a marginalidade, a alimentação, o clima, bem como as relações pessoais e profissionais, as políticas públicas, e os valores e crenças, estão fortemente presentes no processo de desenvolvimento humano, contribuindo para a saúde ou a doença da pessoa (Bronfenbrenner, 1994).

Compreender o desenvolvimento infantil sob essa perspectiva significa considerar sua causalidade sistêmica, uma vez que ocorre da mútua dependência entre os subsistemas internos da pessoa e da relação dela com o ambiente. Em outras palavras, constitui-se um processo ao mesmo tempo universal e individual, “que influencia e é influenciado por contextos externos – ambiente físico e social – e por contextos internos – o próprio organismo histórico e biológico -, em dimensões de tempo e espaço específicos” (Gauy & Costa-Júnior, 2005, p. 58).

Apesar desse contexto multideterminado que se apresenta na vida da criança, tem-se que a família é seu principal contexto de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1994; Weber, 2008). Lançando mão de práticas educativas, com a finalidade de preparar seus filhos para a sociedade em que vive, a família exerce sua função de agência socializadora primária. Exercendo um elo que intermedeia o micro e o macrosistema, os genitores transmitem valores, crenças e práticas que são interiorizados pelos filhos (Dessen & Braz, 2005).

Além disso, à medida que esses fatores são transmitidos para os filhos, estes passam por um processo de desenvolvimento do senso de autonomia. Significa dizer que as atitudes dos pais frente à educação dos filhos, em muito influenciam no desenvolvimento dessa habilidade, a qual está estreitamente relacionada a um ambiente afetivo favorável, a uma relação duradoura e a um suporte dos pais para os filhos (Barbosa et al, 2017). Entretanto, sabe-se que grande parte das famílias apresenta dificuldades em estabelecer tais condições, o que pode vir a prejudicar tanto a relação entre pais e filhos, quanto o desenvolvimento saudável desses. Ao considerar as transformações pelas quais as famílias têm vivido, e que tem, inclusive, impactado em sua tipologia, como o caso do divórcio que gerado famílias

recasadas, monoparentais e ampliadas, tem-se que o sistema familiar, em muito tem variado em sua estrutura e funcionamento. Diante disso, considera-se que as práticas parentais construídas pelos responsáveis pela criança também são influenciadas mediante o tipo de configuração familiar.

Tendo em vista que as relações familiares têm um papel importante sobre a vida da criança, independentemente de sua condição social e econômica, do seu nível educacional, das suas condições de saúde (Benson, 2005) e da sua configuração familiar, os pais precisam estar atentos às necessidades individuais, de proteção e de segurança da criança, garantindo relacionamentos sustentadores e contínuos. Isto significa que precisam atuar como cuidadores responsivos e constantes no desenvolvimento de seus filhos (Brazelton & Greenspan, 2002).

Conhecer o padrão de comportamento parental expresso dentro de um clima emocional criado pelo conjunto das atitudes dos pais, incluindo as práticas parentais, tem sido importante parâmetro do quanto e como os pais tem exercido a sua parentalidade, isto é, o seu Estilo Parental (Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003). Pesquisadores têm avaliado o quanto os estilos parentais estão associados a diferentes aspectos de desenvolvimento dos filhos, mas compreender esses estilos mediante as diferentes tipologias de família, ainda é um desafio vibrante e necessário.

A forma como os pais exercem suas parentalidades influência de diferentes formas o desenvolvimento dos filhos. Por exemplo, os filhos de pais Autoritativos têm sido associados sempre a aspectos positivos, como a assertividade, maturidade, responsabilidade social, conduta independente e empreendedora (Weber et al, 2003). Já os filhos de pais Autoritários têm sido associados a aspectos negativos, como por exemplo, apresentando comportamentos externalizantes, tais como a agressão verbal ou física, e internalizantes, como a depressão e a ansiedade (Weber et al, 2003).

Em extensa revisão de literatura a respeito das práticas parentais, variados autores (Cassoni, 2013; Tucunduva & Weber, 2008) identificaram que os conflitos familiares e punição física e o afeto e o envolvimento parental são, respectivamente, os fatores de risco e de proteção mais citados nas pesquisas sobre práticas parentais.

Portanto, pesquisas que investigam as práticas educativas parentais que predominam nas relações entre pais e filhos, na perspectiva das crianças e dos pais, assim como o tipo de

configuração da família, são de grande relevância científica e social face à necessidade atual de investimento na promoção do desenvolvimento infantil.

Justificativa

Sob a perspectiva do paradigma sistêmico, a família é um sistema interacional, composto por vários subsistemas integrados e interdependentes – genitores, filhos, irmãos, irmãs, avós, netos. Eles se influenciam e se inter-relacionam mutuamente com o sistema sócio histórico (Desse & Braz, 2005; Nunes, da Silva & Aiello, 2008). Compreender a família como um sistema complexo e a criança como uma pessoa em desenvolvimento, inserida em um contexto, é um desafio vibrante e necessário.

No momento atual, dadas as transformações pelas quais tem passado nossa sociedade, faz-se necessário compreender a complexidade das relações familiares, especialmente em se tratando das práticas parentais, em diferentes tipos de famílias, uma vez que estas, em muito, têm se modificado em estrutura e funcionamento.

Novas configurações familiares foram criadas em função do efeito dos novos valores, crenças e práticas sociais assumidos, resultando tanto em divórcios quanto em re-casamentos e, conseqüentemente, em uma variedade de rearranjos familiares (Cerqueira-Silva, Oliveira & Dessen, Manuscrito em preparação). Existe uma demanda da participação de diferentes configurações familiares nas pesquisas, de modo que a típica família tradicional, constituída por pai, mãe e filhos biológicos, seja substituída por uma variedade de outras tipologias, como as recasadas, as monoparentais, com filhos adotivos e, ainda, as provenientes de união homoafetiva.

Nesse sentido, a criança em desenvolvimento, participando de uma família integrada aos vários subsistemas que a compõem, assume uma perspectiva multifacetada, com diferentes possibilidades de criação, cuidado e estímulos, o que constitui uma rede complexa, que integra questões do microsistema ao macrosistema. Os genitores, por sua vez, assumem o papel de transmitir os valores, as crenças e as práticas necessárias para a promoção de um desenvolvimento saudável dos filhos.

Nessa direção, investigar a inter-relação dos estilos parentais e a configuração familiar consiste em considerar os padrões de comportamentos dos pais e a forma como eles exercem seus papéis enquanto figuras de autoridade. Esses estilos estão intimamente relacionados ao

ambiente emocional que se estabelece na relação com os filhos, bem como ao desenvolvimento desses em termos de comportamento, afeto, cognição, etc. (Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg, 2004).

Existe uma crescente discussão no campo científico sobre maneiras mais ajustadas de se educar e se relacionar com as crianças, o que tem provocado também várias controvérsias (Weber, 2008). Esse é, portanto, um dos fatores que demanda a produção de mais pesquisas na área, de modo a melhor compreender as interlocuções das configurações das famílias e os estilos parentais.

É possível considerar que as práticas parentais podem favorecer ou não a aquisição, por parte dos filhos, de importantes habilidades como o autocontrole, a auto regulação, a auto restrição e o senso de competência. Essas habilidades auxiliam e influenciam no ajustamento social e acadêmico (Weber, 2008).

Por isso, é importante conhecer o estilo parental predominante em diferentes configurações familiares, pois trata-se de um grande desafio enfrentado pela nossa sociedade, que é o de educar os filhos da melhor forma possível considerando as suas condições de vida e a sua configuração familiar. Estudos com foco nessa proposta podem favorecer de forma significativa a construção de políticas e programas de promoção da saúde e educação de modo a otimizar o processo do desenvolvimento infantil e provocar ações preventivas nessa direção.

Ademais, é importante que as informações, levantadas no meio científico, acerca das práticas parentais mais adequadas, das consequências dos comportamentos dos pais no desenvolvimento saudável ou não dos filhos, em alguma medida exerça impacto na vida cotidiana das famílias. Isso se deve ao fato de que, embora existam inúmeras pesquisas e estudos na área, grande parte dos pais, ainda, apresenta dificuldades em educar e criar seus filhos, por muitas vezes desenvolverem práticas mais acessíveis, e que são transmitidas intergeracionalmente, porém não necessariamente mais eficientes nessa relação e para esse tipo de configuração familiar.

OBJETIVO GERAL:

Identificar o estilo parental predominante e suas repercussões em diferentes configurações familiares, na perspectiva dos genitores e das crianças, que já foram ou estão sendo atendidas em uma clínica escola de psicologia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Identificar o estilo parental dos genitores das crianças que estão ou que foram atendidas em uma clínica escola de psicologia.
2. Identificar as práticas parentais do estilo parental dos genitores que apresentaram risco.
3. Identificar o estilo parental do genitor de acordo com o tipo de configuração familiar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a teoria do ciclo vital da família, o desenvolvimento individual se dá circunscrito no desenvolvimento familiar, uma vez que a família consiste no principal contexto de socialização dos indivíduos. Acredita-se que é na família que a criança vai obter o primeiro contato com o meio e que isso terá uma função fundamental para o desenvolvimento, pois assim, a criança terá um papel ativo nas relações de interação (Cecconello, Antoni & Koller, 2003). Sendo assim, o ciclo de vida familiar é constituído por estágios, que compreendem o relacionamento intergeracional, de modo que os sintomas individuais podem estar associados ao funcionamento familiar ao longo do tempo. Nas famílias com filhos pequenos, por exemplo, é esperado que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem, fazendo-se necessário o ajustamento conjugal para a criação de espaço para o filho, além do compartilhamento de tarefas de cuidado à criança (Carter & McGoldrick, 1995). Tais cuidados às crianças, consistem em práticas educativas parentais, ou seja, técnicas e estratégias utilizadas por pai e mãe no desempenho de seu papel de agentes de socialização, que se associam a manifestações comportamentais infantis, e que são também influenciadas pela transgeracionalidade (Camicia, da Silva & Schmidt, 2016).

Portanto, tais práticas parentais, que também reconhecidas como: práticas educativas, práticas de cuidados e cuidados parentais, consistem em importantes processos proximais promotores de desenvolvimento das crianças. Compreender o desenvolvimento infantil implica, então, em conhecer, também, as práticas parentais, uma vez que o microsistema familiar é tido como o primeiro e mais importante sistema de promoção do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1994, 2011; Weber, 2008). Por meio de práticas educativas a família prepara seus filhos para a sociedade em que vive e exerce sua função de agência socializadora primária. Assim, os genitores transmitem valores, crenças e práticas que são interiorizados pelos filhos, passando a atuar como um elo que intermedeia e integra o micro e o macrosistema, isto é, a família e a cultura (Dessen & Braz, 2005; Goitein & Cia, 2011).

Estudos realizados notam que as relações de poder possuem uma influência direta sobre os estilos e as práticas parentais utilizadas no contexto familiar. A ausência de afeto ou a presença da rejeição são geradoras de efeitos negativos para o desenvolvimento infantil comprometendo suas futuras relações com outras pessoas (Cecconello, Antoni, Koller, 2003)

As práticas educativas parentais referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para atingir objetivos específicos em diferentes domínios sob determinadas circunstâncias e contextos (Gomide, 2003). Com isso, pode-se compreender como atitudes empregadas pelos pais em uma tentativa de controlar e socializar os filhos. Essas práticas se exemplificam com a utilização de explicações, ações punitivas ou recompensatórias. Diferentemente, o conjunto dessas práticas, denomina-se Estilo Parental, sendo então, o padrão global de características da interação dos pais com os filhos em diversas situações, que geram um clima emocional (Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003) ou, ainda, às formas com que os pais lidam com as questões de poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos (Böing & Crepaldi, 2016; Gomide, 2003).

Sendo assim, “estilo e prática educativa estão normalmente associados, uma vez que o conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com os filhos formará o estilo parental” (Böing & Crepaldi, 2016). Investigados há décadas, os estilos parentais podem ser considerados importantes preditores para o desenvolvimento infantil (Weber, Selig, Bernardi, & Salvador, 2006) tendo em vista a inter-relação práticas educativas parentais, estilo parental e comportamento infantil.

Em se tratando das práticas parentais, a literatura tem dividido, basicamente, em duas principais, as indutivas e as coercitivas. A primeira busca enfatizar uma modificação voluntária no comportamento da criança – explicações sobre as consequências do comportamento da criança, ou seja, uma comunicação dos pais com a criança, onde os pais esclarecem suas vontades e a criança assim obedece, com isso, modificando seu comportamento. Esta técnica busca proporcionar à criança uma atenção voltada para a compreensão e as consequências de seu comportamento. Portanto, também é importante ressaltar que nessa prática se busca mostrar o efeito do comportamento da criança através de explicações de regras, condutas, valores, advertências morais, entre outros. A prática indutiva também busca não fazer uso de comportamentos punitivos (Hoffman, 1975; Cecconello, Antoni & Koller, 2003; Cassoni, 2013).

Já a segunda, coercitiva, é caracterizada pelas técnicas que reafirmam o poder parental, ou seja, punição física e privação de privilégios. Esta disciplina também, acaba provocando reações negativas no desenvolvimento da criança, onde uma criança desenvolve um nível elevado de medo, raiva e ansiedade, desta forma, acaba reduzindo a capacidade da criança para compreender as consequências, a situação e a atenção na modificação do comportamento (Cecconello, Antoni & Koller, 2003; Cassoni, 2013). Nas estratégias

coercitivas, observa-se que a criança depende de ações de interferências do meio, pois a mesma apresentará dificuldades de conseguir adquirir a habilidade de compreender suas ações.

Uma pesquisa realizada com mães sobre as percepções da prática coercitiva (Pinto & Colossi, 2017) aborda que mesmo as mães não concordando com a utilização dessa prática violenta, se utiliza dela em algumas situações. Já Oliveira & Caldana (2004), analisa que mediante alguns cenários, o uso da violência física pode ser interpretado como um modo de mostrar autoridade, ou seja, quando os pais perdem a paciência se utiliza dessa prática como forma de conseguir o respeito.

Alguns estudos também apresentam alguns fatores para o uso de práticas coercitivas na educação dos filhos, entre eles existem uma correlação entre casos de pais que apresentam uma baixa renda e escolaridade com utilização da violência, onde se apresenta que um dos fatores para isso aconteça seja a falta de um bom ensino, que amplie o conhecimento sobre os processos educativos e com isso a diminuição das punições físicas (Carmo & Alvarenga, 2012; Pinto & Colossi, 2017; Oliveira & Caldana, 2004). Outro fator a se observar também é o transgeracional, ou seja, onde os pais se utilizam de modelos já conhecidos por eles durante a infância, por uma falta de um outro modelo ou até mesmo por compreender que é mais “eficiente” para lidar como por exemplo com a indisciplina (Pinto & Colossi, 2017; Bérghamo e Bazon, 2011). Importante também ressaltar, que muitas vezes os pais não concordam, mas aplica.

Outra pesquisa, aponta que existem diversas variáveis nas quais contribuem para que os pais que se utilizam de tais práticas coercitivas, entre elas: o estresse conjugal, problemas financeiros, desemprego e modo de funcionamento familiar, entre outros (Bortolini & Andretta, 2013)

As práticas parentais são, ainda, consideradas como pró sociais ou antissociais (Gomide, 2006). Quando relacionadas aos comportamentos pró sociais, destaca-se o Modelo Moral e a Monitoria Positiva. No Modelo Moral os pais tendem a ser exemplo e promover na criança o senso de justiça, empatia, responsabilidade, generosidade e do conhecimento das escolhas do que é certo ou errado. Já na Monitoria Positiva é relacionado aos comportamentos dos pais em relação as atividades e à adaptação dos filhos (regras claras,

frequência equilibrada da atenção, demonstração segura do afeto, acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer).

Quando as práticas se relacionam com o desenvolvimento de comportamentos antissociais evidencia-se o abuso físico e psicológico, a disciplina relaxada, a monitoria negativa, a negligência e a punição inconsistente (Gomide, 2006). O abuso físico e psicológico é caracterizado pela imposição de disciplina com base em práticas corporais negativas. O abuso psicológico caracteriza-se principalmente pela ameaça, chantagem de abandono e humilhação da criança. A disciplina relaxada caracteriza-se pelo relaxamento das regras estabelecidas, ou seja, as regras são estabelecidas, os pais ameaçam, e quando se deparam com comportamentos de oposição dos filhos, abrem mão de seu papel educativo. A monitoria negativa também conhecida como supervisão estressante se traduz pelos excessos, sendo eles de instruções e regras, e não importando o seu cumprimento. Já a negligência se caracteriza pela falta de atenção e afeto, quando os pais se retiram de situações difíceis e ignoram a maioria dos comportamentos e atividades das crianças.

Portanto, o estilo parental de risco para o desenvolvimento de comportamentos antissociais pelas crianças é caracterizado pela utilização, por parte pais, de práticas parentais consideradas negativas, como, por exemplo, negligência, punição inconsistente e abuso físico, em detrimento das positivas. Logo, essas condutas possuem como consequências efeitos prejudiciais ao desenvolvimento psicológico da criança. Ao contrário, o uso das práticas consideradas positivas (comportamento moral e monitoria positiva) em vez das negativas caracteriza um estilo parental ótimo (Gomide, 2006).

De acordo com a pesquisa realizada por Rodrigues, Nogueira & Altafim (2013) referente as práticas parentais maternas, foi possível observar que as mães apresentam um nível elevado de monitoria positiva em relação as filhas e que as crianças maiores do sexo masculino, as mães utilizam de uma disciplina mais relaxada e de práticas mais violentas, entre elas o bater.

Estudos realizados, apresentam que tanto as práticas como os estilos parentais presentes no contexto familiar da criança podem ser facilitadores ou dificultadores no desenvolvimento da criança, ou seja, há uma correlação com as áreas de desenvolvimento psicossocial da criança, por exemplo, o desempenho escolar, psicopatologias, entre outros (Cassoni, 2013).

Com base nessas práticas parentais, o controle parental aliado ao afeto e à comunicação, produz três diferentes estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo, sendo este último, também compreendido e dividido como indulgente e negligente (Cecconelo, Antoni e Koller, 2003). A partir da identificação desses estilos parentais a literatura nacional e internacional (Alvarenga & Piccinini, 2009; Barbosa *et al.*, 2017; Baumrind, 1991; Cia, Pamplin & Del Plete, 2006; Salvador & Weber, 2008) tem verificado a inter-relação estilo parental e características emocionais das crianças, de modo que estilo autoritativo, que também pode ser denominado democrático, tem sido associado a um fator protetor, que conforme ressaltado por Cassoni (2013) é uma união em grandes níveis entre exigência e responsabilidade, sendo assim, pais autoritativos tem uma grande característica, na qual buscam educar os filhos corrigindo o que é negativo e parabenizando o positivo, com isso, a relação pais e filhos tendem a ser aberta e clara, sendo que as decisões não vão constituir somente nas vontades da criança. Neste estilo também são perceptíveis uma abertura e uma valorização do diálogo, e mediante algumas situações, o responsável pode exercer um posicionamento de maneira mais firme sendo que ele expõe o seu ponto de vista, mas também não limitar a criança, pois se compreende que ela/e possui características particulares (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). Esse tipo de estilo parental vem favorecendo a competência social, responsabilidade, maturidade, assertividade, independência, entre outros.

Já o estilo autoritário, indulgente e negligente tem sido associado a um fator de risco, favorecendo: os problemas de comportamento, o abuso de substâncias, o fracasso escolar e a baixa autoestima. Os pais do estilo autoritários são rígidos e autocráticos. No estilo autoritário, os pais tendem ser definidos como resposta da junção entre altos níveis de controle, onde estabelece regras restritas sem qualquer participação da criança, e baixa responsabilidade, onde se busca o respeito e, utiliza-se da autoridade como forma de imposição. Nesse estilo busca-se enfatizar a obediência por meio do respeito à autoridade e à ordem, também se faz presente a punição, sendo utilizado como forma de controle do comportamento (Cassoni, 2013), assim como, está relacionado com esse estilo parental um ambiente que não se busca o diálogo e nem a autonomia da criança (Hutz & Bardagir, 2006).

Enquanto isso, no estilo permissivo, os pais buscam se comportar de uma maneira não punitiva, e receptiva diante dos desejos e ações da criança. É permitido que a criança regule suas atividades o máximo possível, evita-se o controle e, também não encoraja a obedecer a

padrões definidos externamente, pois se baseia na busca da razão e a manipulação. Com base nisso, Maccoby e Martin (1983), sugeriram uma revisão, propondo a divisão do estilo Permissivo em dois. O primeiro, Indulgente, que por sua vez vai ser o resultado de baixo controle e alta responsabilidade, já que os pais são contrários aos autoritários, onde não se estabelecem regras, nem limites para a criança, sendo assim, acaba exigindo pouca maturidade e responsabilidade para esta criança (Cassoni, 2013). Estes pais se caracterizam por buscar o afeto, a comunicação, ser muito tolerante e possuir uma receptividade com seus filhos, onde realizam todos os desejos que a criança quer. Já o segundo estilo, Negligente, é determinado por uma baixa combinação dos níveis sobre controle e responsabilidade, onde os pais não apresentam afetividade e nem exigências e tendem a centrar nos interesses individuais. Neste estilo, os pais demonstram um afastamento com as tarefas de socialização da criança, onde não há uma monitoria do comportamento e tendem a distância, se responsabilizando apenas pelas necessidades básicas (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). Ou seja, enquanto os indulgentes buscam estar envolvido com o seu filho e as atividades relacionadas, os pais negligentes focam, mas nos seus interesses próprios. Importante, também ressaltar que o estilo negligente se diferencia da negligencia abusiva, sendo que o primeiro está relacionado aos pais que não se envolve com os seus papéis, onde não se exige e nem se envolve. Já o segundo, é relacionado a uma falta de cuidado, que os responsáveis acabam infligindo, podendo assim trazer prejuízos para o desenvolvimento da criança (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004; Roig & Ochotorena, 1993).

A pesquisa realizada sobre os “Estilos parentais em famílias com filhos na idade escolar” dos autores Falcke, Rosa & Steigleder (2012) buscou compreender quais são estilos parentais presentes no contexto familiar das crianças, com isso se analisa que diante 153 participantes, cerca de 44,9% apresentaram estilos parentais abaixo da média ou de risco e 55,1%, dos participantes apresentaram estilos parentais acima da média ou ótimo. Também foi analisado que 66,9% possuíam um nível considerado ótimo na monitoria positiva, cerca de 25,2% um nível regular acima da média, 7,9% um nível regular abaixo da média e que nenhum pai teve indicação de risco na categoria monitoria positiva.

Já na pesquisa realizada por Reichert e Wagner (2007), nota-se que as práticas parentais utilizadas pelos pais estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento da autonomia da criança. No seu trabalho, utilizaram como amostra cerca de 168 adolescentes, onde grande parte considerou seus pais como negligentes e autoritativos. Neste estudo

também se observou que os pais tendem a ter o mesmo nível de exigência com os filhos quanto com as filhas, mas na medida que se analisa a responsabilidade, observa-se que os pais tendem a cobrar mais dos meninos do que com as meninas. Ao analisar os fatores que podem interferir na relação entre pais e filhos, observa-se que 63,7% trabalha fora, ou seja, estando menos presente no cotidiano dos filhos. Também se observa que entre o pai e mãe, a figura mais presente no processo de educação é a mãe. E por fim, observa-se que em relação aos estilos parentais, tanto dos pais, como das mães, interagem, ou seja, há um equilíbrio, pois foi considerado nesta pesquisa como um fator de proteção mediante o desempenho acadêmico que esses jovens possuem.

Em estudo a respeito de crianças com comportamento antissociais, Conte (2001) afirma que as relações entre pais e filhos é um dos principais fatores determinantes desse tipo de comportamento. Os maus tratos, a negligência, a disciplina rígida ou inconsistente ou flácida e relaxada, a falta de apoio dos pais, vínculos familiares fracos, as brigas entre os pais, e entre pais e filhos, são destacados nesse ambiente desfavorável.

Recentemente, a pesquisa de Barbosa *et al.* (2017) ao estudar a Autonomia Adolescente, a Responsividade e Exigência dos Pais e a Legitimidade da Autoridade Parental identificou que a dinâmica do desenvolvimento da autonomia de jovens estudantes de nível socioeconômico médio a alto está relacionada com bons níveis de relacionamento familiar, e que o equilíbrio entre afetividade e exigência na dinâmica familiar é fundamental para o desenvolvimento da autonomia adolescente.

Nesse sentido, é possível compreender que a procura pelo atendimento psicológico para as crianças tem aumentado nas últimas décadas, especialmente, pelas dificuldades que muitas famílias têm encontrado para educar seus filhos, em um ambiente distinto do qual foram educadas. Nesse contexto, a autoestima das crianças, que é a maneira como a pessoa se sente em relação a si mesma, o quanto gosta de sua própria pessoa, é compreendida como interligada com o afeto familiar, o que denota o valor e importância das relações familiares para a saúde e bem-estar da criança (Mondin, 2008). Para Brazelton e Greenspan (2002) quando há relacionamentos sustentadores e contínuos, seguros e empáticos, as crianças aprendem a ser íntimas e empáticas, assim como refletir sobre seus comportamentos e comunicar seus sentimentos.

Ademais, importante, considerar juntamente com os estilos parentais predominantes nas famílias, as suas diferentes configurações familiares, pois desde a década de 1960, quando

iniciou-se um movimento de nuclearização da família e de uma nova participação social da mulher, por meio das relações bidirecionais entre família e ambiente, as relações familiares passaram a apresentar cada vez mais as divisões dos papéis sexuais, onde pai, mãe e filhos foram paulatinamente assumindo funções domésticas. Embora, a maioria das mães continuasse trabalhando em casa e o pai no ambiente profissional, começaram a surgir os primeiros indícios de uma nova participação social da mulher, a qual se destacaria somente no final da década de 60, dadas as amplas variáveis da sociedade, do momento histórico e da cultura brasileira (Cerqueira-Silva, Oliveira & Dessen, Manuscrito em preparação).

A partir dessa nova participação social da mulher, em conjunto com variadas outras transformações de nossa sociedade, como o aumento no número do divórcio, o menor número de filhos, a diminuição na taxa de casamento, e o aumento das uniões consensuais estáveis, a família tem adquirido possibilidades diversas de se configurar (Trost, 1995; Petzold, 1996). E nessas novas configurações, a promoção do desenvolvimento infantil se mostra multifacetada, integrando a família e suas inter-relações com o contexto social mais amplo.

Diante das transformações da sociedade contemporânea, o termo família também vem sendo estudado por muitos pesquisadores, antigamente era considerado para definir um grupo, na qual se constituía com um pai, uma mãe e seus filhos. Já atualmente, nota-se que esse modo de pensar vem se reformulando, principalmente diante a cultura e a sociedade no qual essas pessoas estão inseridas. Estudos sobre as novas configurações estão cada vez mais presentes, onde se observa uma diversidade de configurações familiares, além da tradicional, sendo entre elas as recasadas, monoparentais, homossexuais, adotivas e entre outras (Dessen & Polonia, 2007; Borsa & Nunes, 2011).

Apesar dessas novas formas de configurações, é possível observar que mesmo famílias nas quais ainda prevalece o sistema nuclear, ou seja, as tradicionais, uma nova característica está sendo encontrada, entre elas as novas funções de papéis desenvolvido pelo pai e a mãe. No passado, era bastante comum uma distinção dos papéis, sendo o pai reconhecido como o provedor do sustento da casa e a mãe responsável pelos afazeres da casa e a criação do filho. Já na atualidade as famílias já vêm apresentando outros aspectos, onde é presente o compartilhamento das funções do dia a dia, entre elas a educação dos seus filhos (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

No entanto, durante esse processo de transformações identifica-se que é na família que a criança constitui suas primeiras relações e dentre delas as de ordem afetiva, cognitiva,

social e entre outras. As autoras Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt (1999), analisa que é na relação familiar que a criança desenvolve certas habilidades promotores para o seu bem-estar, entre elas a capacidade de lidar e se expressar com as situações adversas, de reconhecer e administrar as emoções, entre outros. Assim, diante as relações essenciais já estabelecidas e identificadas na infância, tende a se propagar para a fase adulta, permitindo assim para o indivíduo um conhecimento mais abrangente e saudável sobre si.

A família é tida como o principal agente de socialização da criança, com isso, percebe que ela possui uma ação direta sobre as habilidades, comportamentos e valores desta criança, sendo por exemplo: uma família na qual os pais são músicos, logo será notável que essa criança apresentará habilidades neste ramo, mas cabe lembrar que nem sempre se enquadra nesta regra de causa-consequência. Com isso, é perceptível que a conduta dos pais na sua relação com os filhos é interligada com a utilização de regras, normas e limites, e isso percorre desde o início dos primeiros anos até a maturidade, sendo que este bebê começa a construir seu referencial por meio da observação e dos comportamentos do seu responsável (Rinhel-Silva, Constantino & Rondini, 2012).

Portanto, novas e diferentes relações parentais têm configurado um novo espaço de intercâmbio, afeto, controle, autoridade e intimidade. Como as relações entre pais e filhos tem “sobrevivido” a tantas mudanças? Quais tem sido os riscos e o que se coloca enquanto proteção para o desenvolvimento das crianças?

Diante dessas inquietações, este estudo tem como foco a investigação dos estilos parentais de famílias de diferentes configurações familiares, cujas crianças realizaram atendimento psicológico em uma clínica escola de psicologia. Isto é, famílias monoparentais, constituídas, em sua maioria, por mãe e filho, tendem a apresentar qual estilo parental? E as famílias tradicionais, constituídas por mãe, pai e filho, tendem a apresentar qual estilo parental? A tipologia de família poderá ser identificada como uma variável de risco para o Estilo Parental assumido? Que tipo de configuração familiar apresenta um Estilo Parental de risco e que tipo de configuração familiar se apresenta enquanto um fator de proteção para o Estilo Parental?

A partir desse conhecimento, espera-se contribuir com a valorização do papel da família e do suporte social que precisa ser oferecido à família, por meio dos Programas de Educação Familiar (Cerqueira-Silva & Dessen, 2018) e de toda rede social de apoio, a fim de

otimizar o seu próprio desenvolvimento, e de modo que a família desenvolva as condições necessárias para oferecer proteção ao desenvolvimento de suas crianças.

MÉTODO

O presente projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do UniCEUB sob o parecer de nº 3.000.876. Com isso, foi assegurado o cuidado ético com as informações obtidas pela pesquisa e o sigilo profissional. Também foi dispensado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma vez que as informações analisadas por este estudo exigiram somente a análise de prontuários, não havendo a necessidade de nenhum tipo de contato pessoal.

1. Amostra

Foram utilizados 40 prontuários para a identificação, análise do estilo parental e da configuração familiar das crianças que realizaram ou que ainda realizam atendimento psicológico na Clínica Escola de Psicologia/CENFOR do UniCEUB. Os prontuários correspondiam a 74 participantes, sendo 26 mães, nove pais e 39 crianças de configurações tradicional, separados, recasados, adotiva e extensa.

Os prontuários selecionados apresentaram como pré-requisitos: (a) ser de uma criança, que já realizou avaliação psicológica e que está em psicoterapia; ou (b) ser de uma criança que já realizou a avaliação psicológica, mas que aguarda atendimento psicológico/psicoterapia; ou (c) ser de um pai ou mãe que participa do Grupo de Apoio a Pais/GAP e que seu/sua filho(a) está ou esteve em atendimento; ou (d) ser de um pai ou de uma mãe que já participou do Grupo de Apoio a Pais/GAP, mas desistiu de continuar e que seu/sua filho(a) foi atendido ou está em atendimento psicológico. Com estes dados foi possível coletar informações suficientes para a análise do estudo, de modo que os objetivos da pesquisa fossem alcançados.

A idade das crianças dos prontuários coletados é de 8 a 13 anos, sendo de ambos os sexos (14 femininos e 26 masculinos). No momento da coleta, os prontuários apresentaram as seguintes informações: (a) o Inventário de Estilo Parental – IEP respondido pelo responsável pela criança e/ou pela própria criança, e (b) os dados a respeito da constituição da família da criança (ficha de identificação do caso). Complementando essas informações, foram identificados e anotados, os dados de caracterização dos pais e da criança, como: idade, escolaridade, profissão, tipo de escola (pública ou particular).

2. Local

Os prontuários que foram analisados, referem-se aos casos de crianças que foram atendidas ou que estão em atendimento na Clínica Escola de Psicologia/CENFOR do UniCEUB.

3. Procedimentos e Instrumentos para coleta de dados

A construção dos dados ocorreu no período de novembro a dezembro de 2018, mediante a análise dos prontuários. Para isso, o estudo seguiu as seguintes etapas:

Etapa 1 – Seleção dos prontuários que atendem aos pré-requisitos da pesquisa

Etapa 2 – Identificação do tipo de configuração familiar. Por exemplo, tradicional/nuclear, recasada, monoparental, extensa, homoafetiva, adotiva ou de outro tipo. Informação constante na entrevista inicial realizada junto aos responsáveis pela criança, sendo realizado o registro da informação em protocolo específico, no qual constará diferentes configurações familiares, por meio de múltiplas alternativas, devendo ser registrado apenas um tipo, conforme consta no Apêndice A.

Etapa 3 – Identificação e revisão dos resultados dos Inventários de Estilo Parental - IEP, respondidos pelos genitores da criança e pela própria criança, registrando-os em protocolo específico (Apêndice A). O Inventário de Estilos Parentais - IEP (Gomide, 2006), consiste em um questionário específico para mães, um para os pais e um para os filhos. Contempla 42 situações que avaliam sete variáveis (duas práticas educativas positivas e cinco negativas). Os escores do IEP revelam o estilo parental adotado pelos pais (pai e mãe separadamente), que pode ser: estilo parental ótimo; acima da média; estilo parental regular, abaixo da média; e estilo parental de risco.

4. Procedimento para Análise dos Dados

A análise dos dados, inicialmente, em se tratando dos dados obtidos por meio do Inventário de Estilo Parental – IEP foi utilizado o próprio manual desse instrumento psicológico, onde constam as orientações para realizar a somatória dos pontos obtidos por meio das respostas fornecidas pelos respondentes, bem como a interpretação do percentil apresentado, de modo a identificar se o estilo parental - na perspectiva do pai, na perspectiva da mãe e na perspectiva da criança, é “ótimo”, “regular”, “acima da média”, “abaixo da média” ou de “risco”. As questões do IEP abrangem as sete práticas educativas: (A) monitoria positiva, (B) comportamento moral, (C) negligência, (D) punição inconsistente, (E) disciplina relaxada,

(F) monitoria negativa e (G) abuso físico, sendo que a cada variável correspondem seis perguntas. Assim, a tabulação dos dados obtidos por meio do Inventário é feita utilizando-se a folha de resposta que contém as sete práticas educativas deste instrumento. Cada resposta NUNCA recebe pontuação 0 (zero); ÀS VEZES, pontuação 1 (um); e SEMPRE, pontuação 2 (dois). O cálculo do índice de estilo parental é feito pela subtração da soma das disciplinas negativas (C+D+E+F+G) e da soma das positivas (A+B), ou seja, $IEP = (A+B) - (C+D+E+F+G)$. Com base nessa análise, inicialmente realizada quando a criança foi atendida e, posteriormente revisada, durante este estudo, será possível a identificação do estilo parental de cada um dos participantes.

A partir disso e tendo em vista o tipo de configuração familiar de cada família, os dados foram transformados em planilhas e analisados de forma individual. Também foi realizado uma análise referente a média e a comparação entre as avaliações e as diferentes configurações familiares.

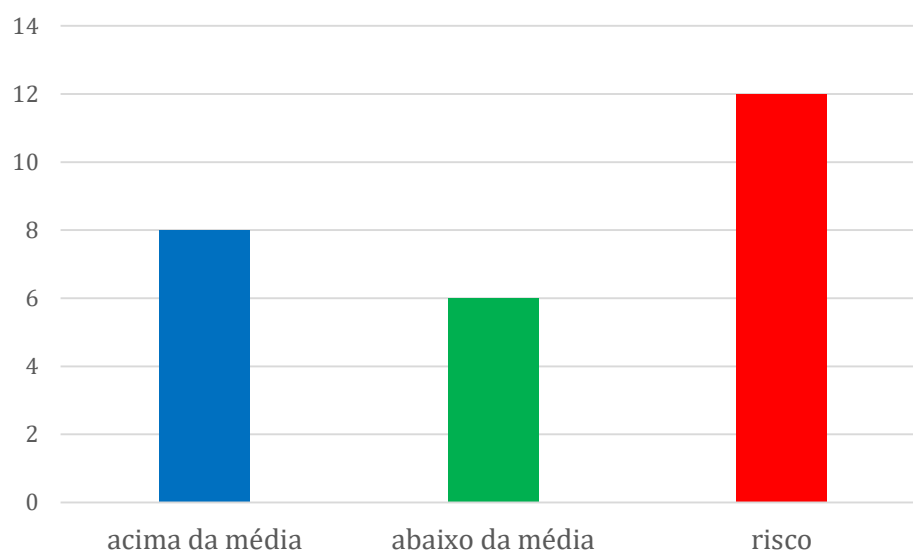
RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados, foram divididos em três seções. Na primeira, são apresentados os Estilos Parentais identificados nos participantes, isto é, identificando se foi (1) Ótimo, (2) Regular acima da média, (3) Regular abaixo da média, ou de (4) Risco. Na segunda seção, serão apresentadas as Práticas Parentais presentes nos Estilos Parentais que apresentaram risco. Na terceira seção, serão apresentados os Estilos Parentais da autoavaliação dos genitores e da avaliação das crianças, de acordo com o tipo de configuração familiar: tradicional, separado e outros (recasados, adotivas e extensas).

SEÇÃO 01. Quais Estilos Parentais Foram Identificados Na Autoavaliação Dos Genitores E Na Avaliação Das Crianças?

No auto avaliação materna foram analisados 26 inventários. Os estilos parentais foram de risco ($n=12$; 46,15%), regular acima da média ($n=8$; 30,76%) e abaixo da média ($n=6$; 23,07%), conforme mostra a Figura 1.

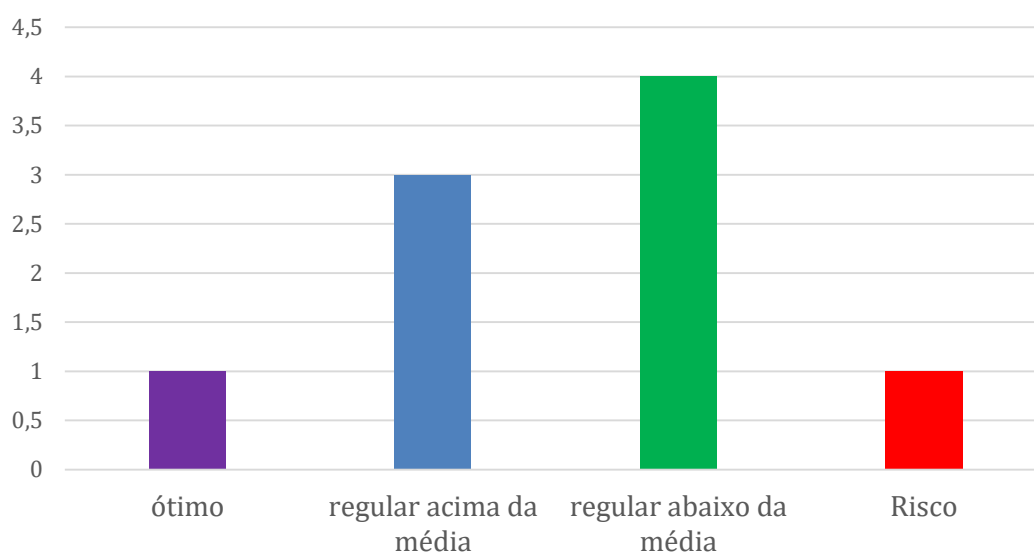
Figura 1 - Estilo Parental: Autoavaliação Materna



Na Figura 1, é possível identificar que dentre as 26 mães que participaram, o estilo parental de risco foi predominante, seguido do regular acima da média e regular abaixo da média. O estilo parental ótimo não foi identificado.

A auto avaliação de nove pais, mostra que quatro deles indicaram estilo parental regular abaixo da média (44,44%), três estilos parental regular acima da média (33,33%), um estilo parental ótimo (11,11%), e um estilo parental de risco (11,11%), conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Estilo Parental: Autoavaliação Paterna

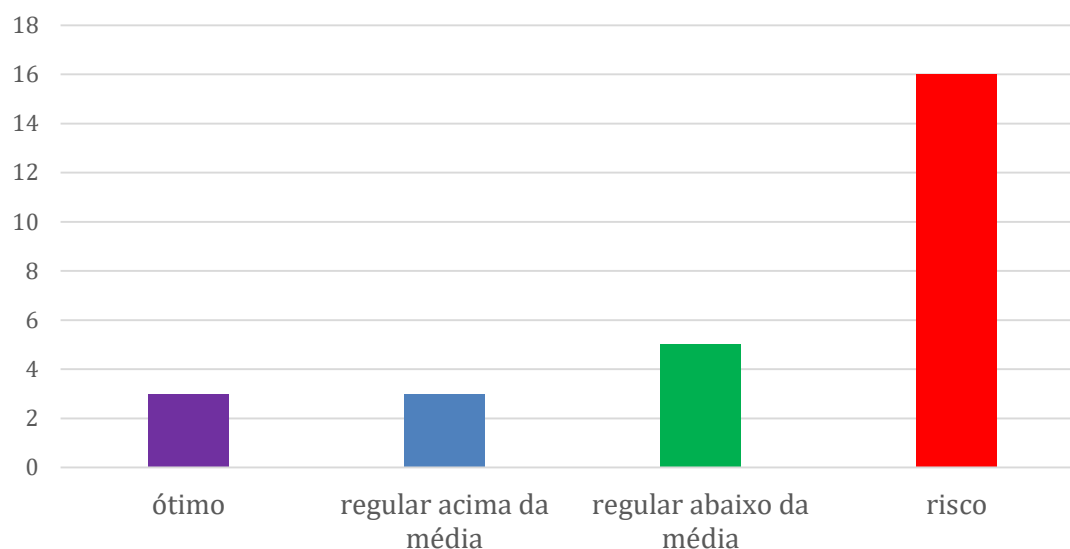


Quando comparamos a autoavaliação materna com a paterna, o estilo parental de risco é sobretudo presente na percepção das mães, e pouco na percepção dos pais. Por outro lado, o, o estilo parental ótimo, aparece somente na autoavaliação paterna. Estes resultados demonstram que os pais, apresentam autoavaliação mais favorável que as mães.

Diante disso, o estudo realizado por Maia e Williams (2005) contrariou os achados na presente pesquisa, pois em sua literatura identificou estudos nos quais a personalidade dos pais foi associada a comportamentos abusivos, que muitas vezes eram justificadas por conta do não saber lidar com o sentimento da raiva. Nesta pesquisa também foi identificado que os pais sinalizavam o fator do estresse no papel desempenhado e quando comparados com pais não abusivos se observou que eles apresentavam uma ausência na interação.

Os estilos parentais da avaliação das 27 crianças referente à mãe, foram: ótimo ($n=3$; 11,11%), regular acima da média ($n=3$; 11,11%), regular abaixo da média ($n=5$; 18,51%) e risco ($n=16$; 59,25%), conforme mostra a figura 3.

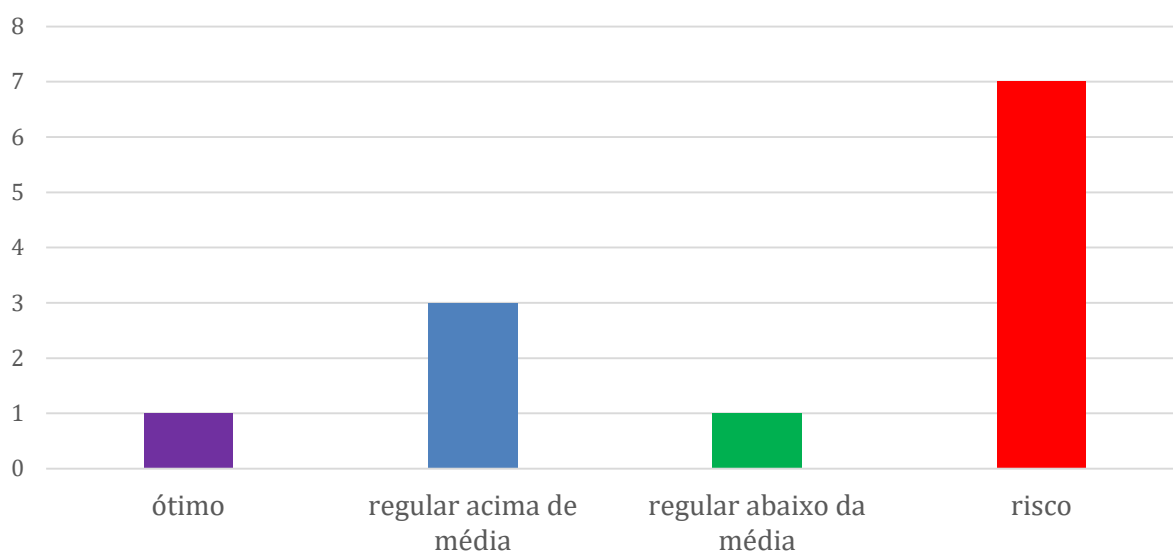
Figura 3 – Estilo Parental: Avaliação das Crianças em Relação às Mães



Na avaliação das crianças em relação às mães, o estilo parental de risco foi predominante, e o ótimo foi menos presente.

Na avaliação de 12 crianças, referente ao estilo parental do pai, foram identificados tanto o estilo de risco ($n=7$; 58,33%), quanto o regular acima da média ($n=3$; 25%), o regular abaixo da média ($n=1$; 8,33%) e o ótimo ($n=1$; 8,33%), conforme mostra a figura 4.

Figura 4 – Estilo Parental: Avaliação das Crianças em Relação aos Pais



Portanto, na avaliação das crianças, tanto em relação às mães quanto em relação aos pais, o estilo parental predominante é de Risco, sendo menos frequente o Ótimo. Esse resultado, quando comparado com a autoavaliação dos pais se analisa uma discordância, na qual corroboram com o estudo de Maia e Williams (2005) citado acima.

O estilo de risco, quando identificado na relação familiar traz consequências para a criança e o seu desenvolvimento infantil. Estudos realizados identificaram que as crianças quando é constantemente submetida as condições precárias na relação intrafamiliar, é mais suscetível a desenvolver algumas características, como por exemplo: a falta de empatia, abuso e/ou dependência de substâncias, depressão, problemas de saúde, baixa autoestima e baixa tolerância a frustração (Maia & Williams, 2005; Toni & Hecaveí, 2014; Macarini, Martins, Minetto & Vieira, 2010).

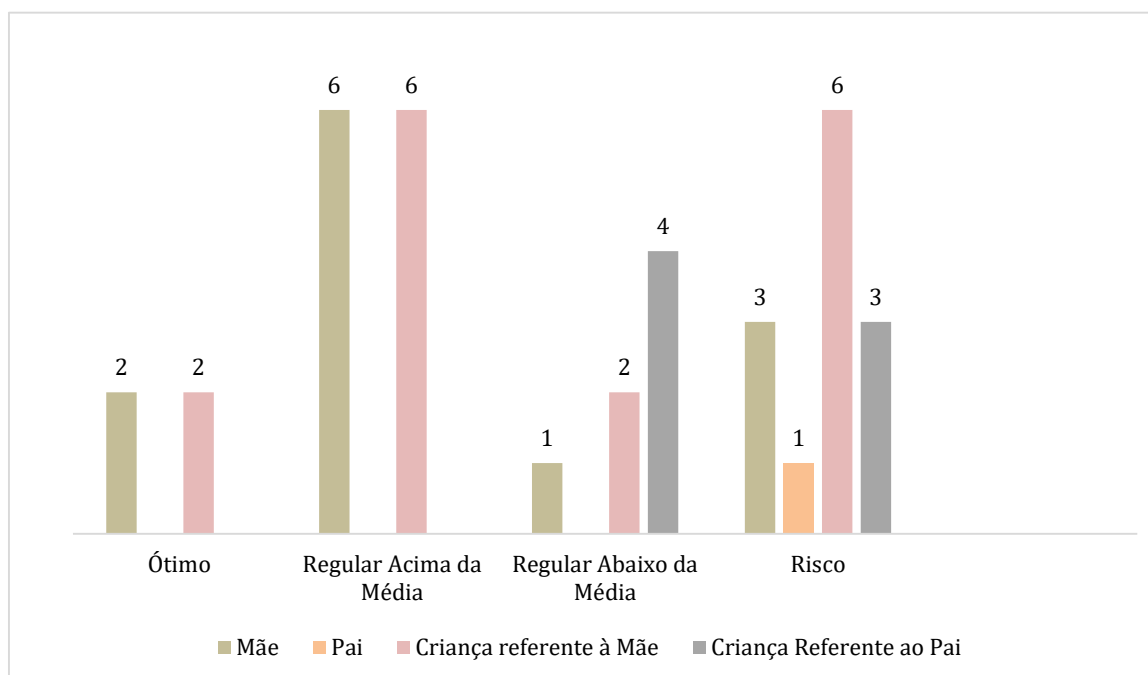
SEÇÃO 02. Quais As Práticas Parentais Predominantes No Estilo Parental De Risco?

As práticas parentais podem ser compreendidas como estratégias nas quais os pais emitem no processo de educação e socialização da criança (Gomide, Salvo, Pinheiro & Sabbag, 2005). A partir destas práticas é possível observar que elas apresentam diferentes repercussões para a vida da criança, sendo elas promotoras ou não ao desenvolvimento da criança. Nesta sessão, foram analisadas as práticas parentais dos genitores e da percepção das

crianças sobre os genitores que apresentaram estilo parental de risco, diante disso, foi possível analisar as práticas pró sociais (monitoria positiva e comportamento moral) e antissociais (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico).

Na autoavaliação materna 12 (33,33%) mães apresentaram estilo parental de risco, sendo que ao analisar sua prática parental de monitoria positiva, seis (50%) se classificaram como regular acima da média, seguidos de três (25%) de risco, dois (16,66%) ótimo e um (8,33%) regular abaixo da média. Já na autoavaliação paterna, apenas um (2,77%) pai apresentou estilo parental de risco e sua prática parental de monitoria positiva, foi sinalizada risco (100%). Já na avaliação da criança referente à sua mãe, foram identificados 16 (44,44%) estilos parentais de risco, sendo seis (37,5%) regular acima da média e risco, seguidos de dois (12,5%) ótimos e regular abaixo da média. Em relação a avaliação da criança referente ao pai, foram identificados sete (19,44%) estilos parentais de risco, sendo identificado na prática de monitoria positiva quatro (57,14%) em regular abaixo da média e três em risco (42,85%). Conforme a Figura 5.

Figura 5 – Prática Parental: Monitoria Positiva



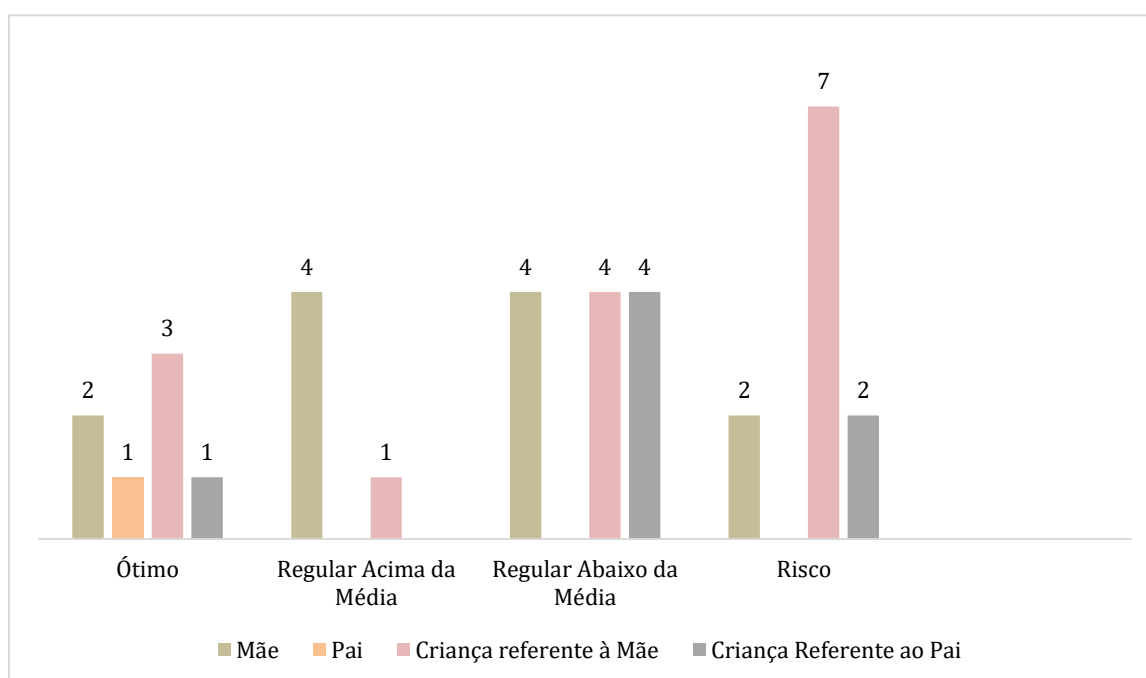
A monitoria positiva é um conjunto de práticas na qual engloba a atenção e o conhecimento dos genitores acerca de onde seu filho se encontra e das atividades

desenvolvidas pela criança (Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005; Sampaio, 2007). Diante disso, é possível observar na Figura 5, de modo geral a monitoria positiva houve um predomínio das práticas consideradas positivas para o desenvolvimento da criança.

Portanto, ao analisar a relação das práticas segundo a autoavaliação paterna e a avaliação da criança referente ao pai é observado um aumento em relação aos fatores de risco. Os resultados encontrados por Salvo, Silveiras e Toni (2005) também apresentou a falta de monitoria positiva paterna e com isso identificou que diante dessa falta, ocorre déficits na sociabilidade da criança.

Já a segunda prática analisada, foi o comportamento moral. Na autoavaliação materna, foi identificado que quatro (33,33%) mães apresentaram práticas regular acima da média e regular abaixo da média, seguidos de dois (16,66%) ótimos e de risco. Na autoavaliação paterna, a prática parental apresentada obteve ótimo (100%). Na avaliação da criança referente à mãe, sete (43,75%) crianças apresentaram risco, seguidos de quatro (25%) regular abaixo da média, três (18,75%) ótimo e um (6,25%) regular acima da média. Já na avaliação referente ao pai, cerca de quatro (57,14%) crianças classificaram como regular abaixo da média, duas (28,57%) de risco e uma (14,28%) ótimo, conforme a Figura 6.

Figura 6 – Prática Parental: Comportamento Moral

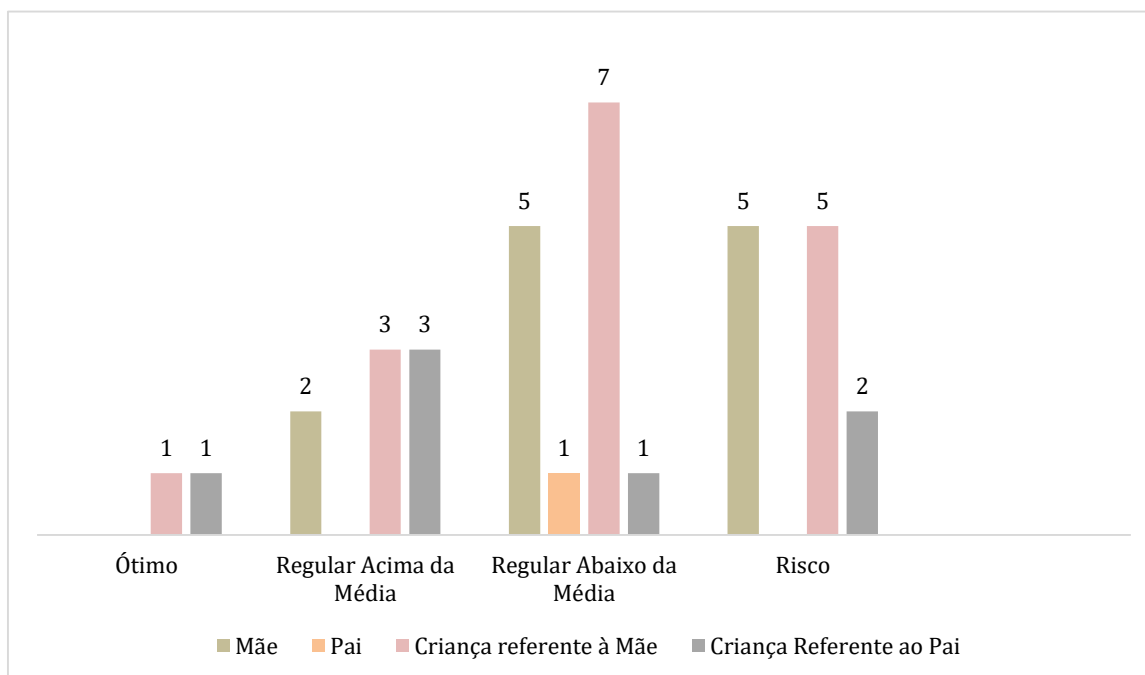


Na Figura 6, é possível observar que as práticas positivas prevalecem entre os avaliadores, sendo assim favorecendo o desenvolvimento da criança. O comportamento moral é relacionado aos valores morais transmitidos de pais para os filhos, por exemplo a honestidade, empatia, senso de justiça e principalmente o auxílio em discriminar do que é certo e do que é errado por meio de ensinamentos (Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005; Sampaio, 2007).

As Figuras 5 e 6 apresentam comportamentos esperados para relação entre pais e filhos, sendo elas práticas pró sociais. A forma na qual a interação entre pai e filho se constitui é fundamental para a constituição da criança e que quando há déficit isso influencia no desenvolvimento da criança. Os autores Pinheiro, Haase, Prette, Amarante e Prette (2006) retrata que quanto melhor o pai apresentar esse repertório de habilidades, maior vai ser a frequência do filho apresentar comportamentos adequados, mas quando ocorre ao contrário, os filhos tendem apresentar déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos.

A punição Inconsistente, é a terceira prática analisada. Na autoavaliação materna, foi identificada que cinco (41,66%) apresentaram práticas regulares abaixo da média e de risco, e dois (16,66%) regular acima da média. Já na autoavaliação paterna, um (100%) apresentou regular abaixo da média. Já no que se refere a criança referente a mãe, foi identificado sete (43,75%) regular abaixo da média, cinco (31,25%) de risco, três (18,75%) regular acima da média e um (6,25%) ótimo. Na avaliação da criança referente ao pai, três (42,85%) apresentaram regular acima da média, dois (28,57%) de risco e um (14,28%) ótimo e regular abaixo da média (Figura 7).

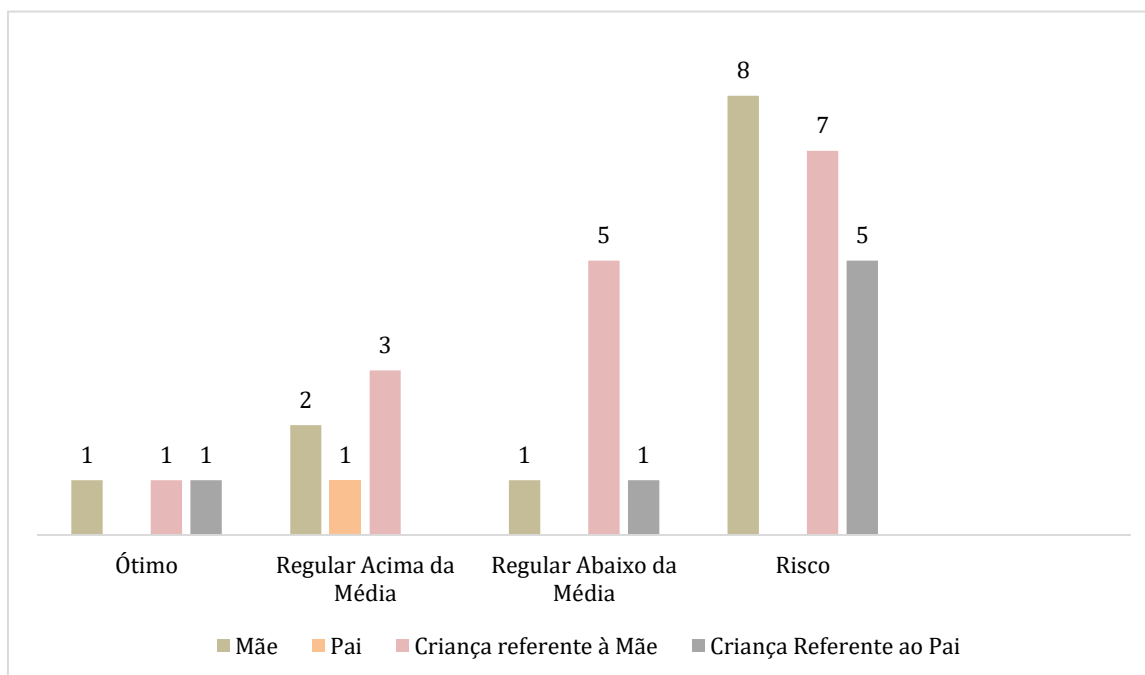
Figura 7 – Prática Parental: Punição Inconsistente



A punição inconsistente ocorre quando com base no emocional do genitor, ele reforça ou pune o comportamento da criança, sendo assim, a criança não compreende o que foi feito ou não de errado (Sampaio, 2007). Diante disso, a Figura 7 apresenta um maior índice nas classificações regular abaixo da média em que se sinaliza a presença de um alerta. Dentre as avaliações, observa-se que a mãe e a criança quando avaliando a mãe tende a apresentar mais alerta, sinalizando a ocorrência em diferentes momentos.

A próxima prática parental a ser analisada é a Negligência. Na autoavaliação materna, oito (66,66%) mães apresentaram a prática de risco, duas (16,66%) regular acima da média e uma (8,33%) regular abaixo da média e ótimo. Na avaliação paterna, um (100%) pai apresentou regular acima da média. Em relação a avaliação da criança referente à mãe, sete (43,75%) apresentaram risco, cinco (31,25%) regular abaixo da média, três (18,75%) regular acima da média e um (6,25%) ótimo. E por fim, na avaliação da criança referente ao pai, foram identificados cinco (71,42%) na categoria de risco e um (14,28%) no regular abaixo da média e ótimo (Figura 8).

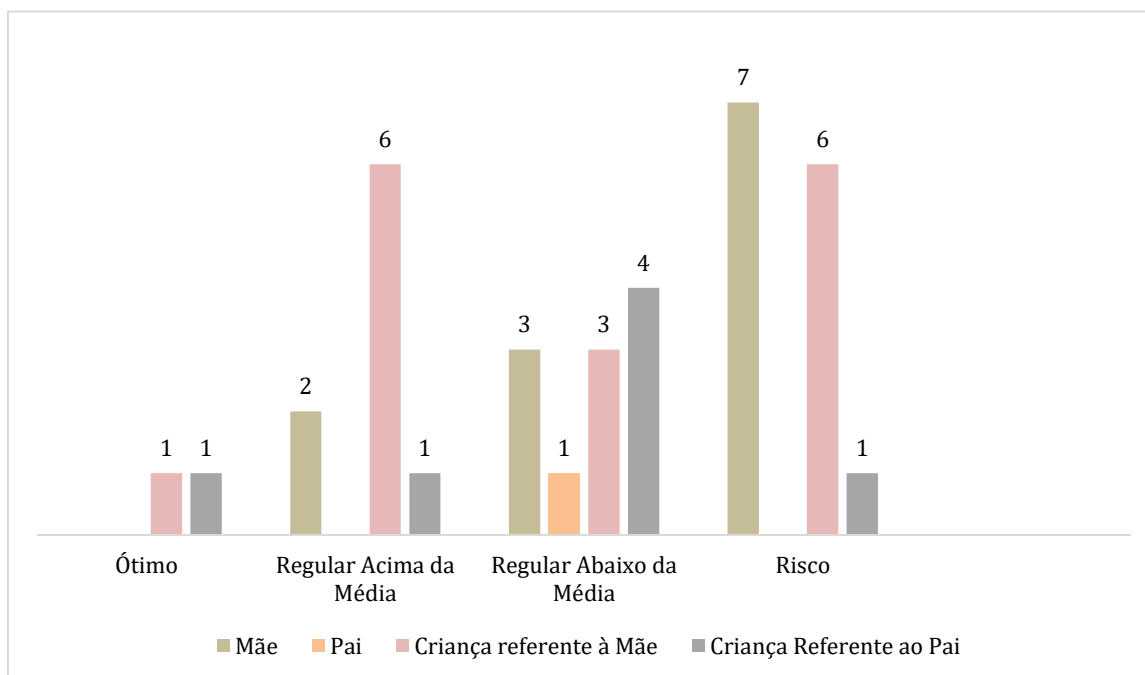
Figura 8 – Prática Parental: Negligência



A negligência é a ausência dos pais, em que ausentam das necessidades dos filhos e da responsabilidade. O relacionamento familiar é marcado pela ausência de afeto e de amor (Cassoni, 2013). Sendo assim, na Figura 8, a classificação predominante foi de risco, sendo assim, possível identificar que tanto na percepção da mãe, como da criança referente à mãe e ao pai a prática de negligência é bastante presente.

A quinta prática parental é a disciplina relaxada. Na autoavaliação materna identificou sete (58,33%) práticas de risco, três (25%) regular abaixo da média, dois (16,66%) regular acima da média. Já na autoavaliação paterna foi identificado uma (100%) prática regular abaixo da média. Na avaliação da criança referente à mãe, foram identificadas seis (37,5%) práticas de risco e regular acima da média, seguidos de três (18,75%) regular abaixo da média e um (6,25%) ótimo. Na categoria criança referente ao pai foram identificados quatro (57,14%) regular abaixo da média e um (14,28%) ótimo, regular acima da média e risco (Figura 9).

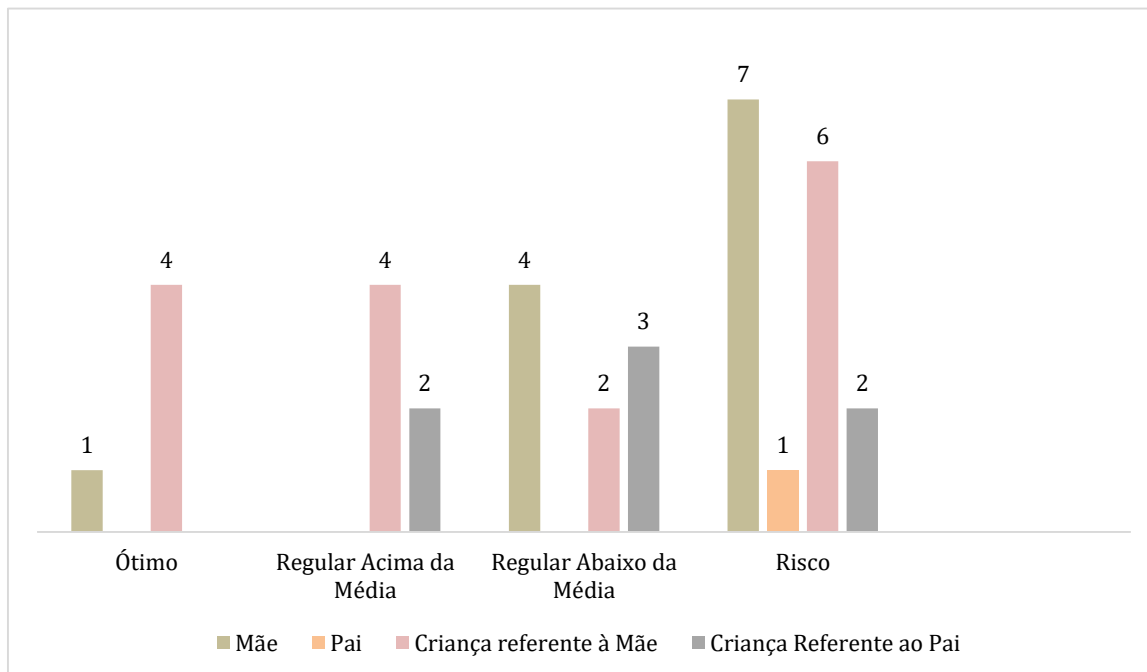
Figura 9 – Prática Parental: Disciplina Relaxada



A disciplina relaxada, é caracterizada pelo não cumprimento de regras, em que os pais tendem a ditar regras e geralmente acabam esquecendo ou desrespeitando, diante disso, a Figura 9 apresenta índices altos em regular abaixo da média e risco, sinalizando a ocorrência em diferentes momentos. Com bases nos dados obtidos, a mãe acaba se expondo mais ao uso desta prática.

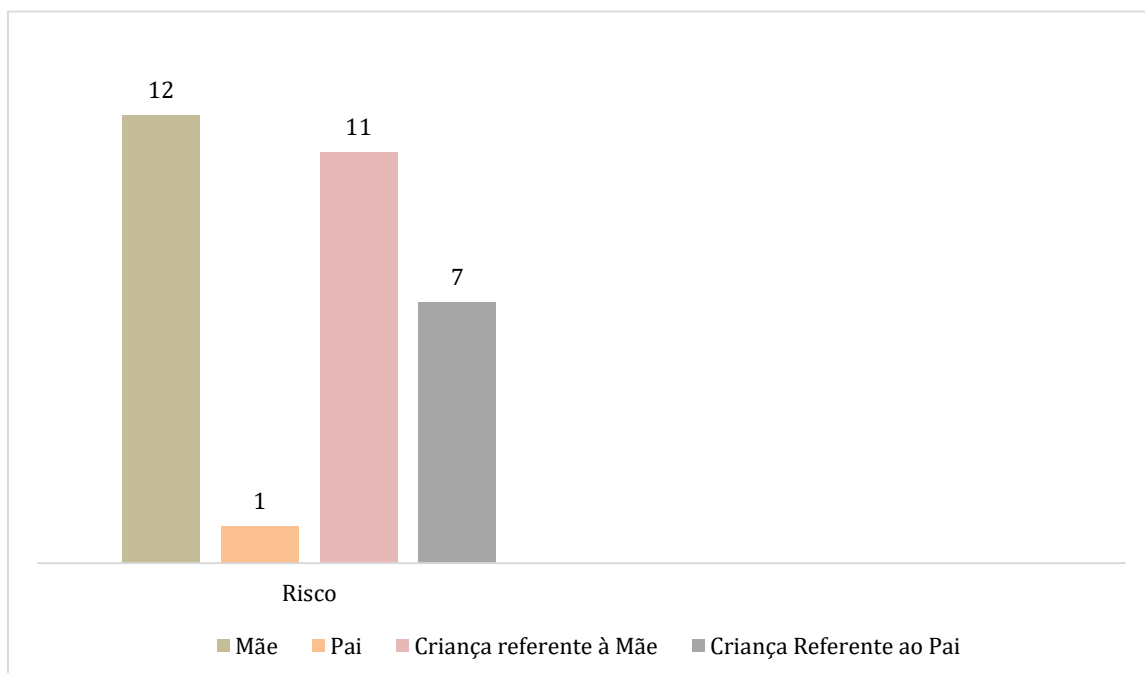
A sexta prática parental é a Monitoria Negativa. Foi identificado na autoavaliação materna sete (58,33%) práticas parentais de risco, quatro (33,33%) regular abaixo da média e um (8,33%) ótimo. Na autoavaliação paterno, a prática identificada foi de risco. Já na avaliação da criança referente a mãe, identificou-se seis (37,5%) de risco, quatro (25%) regular acima da média e ótimo, e dois (12,5%) regular abaixo da média. E na avaliação da criança referente ao pai, identificou três (42,85%) regular abaixo da média e dois (28,57%) nas categorias de regular acima da média e risco (Figura 10).

Figura 10 – Prática Parental: Monitoria Negativa



A monitoria negativa é marcada por regras em excesso, em que os pais tendem a fiscalizar excessivamente a vida dos filhos, promovendo um clima estressante e com ausência de diálogos (Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005). No caso da Figura 10, houve um predomínio nas classificações de risco e regular abaixo da média.

A sétima prática é o abuso físico. Nos inventários que apresentaram estilos parentais de risco, também apresentaram práticas parentais de risco em abuso físico. Na autoavaliação materna, doze (100%) apresentaram risco; seguido de 11 (100%) na avaliação da criança referente à mãe, sete (100%) na avaliação das crianças referente ao pai e um (100%) na autoavaliação paterna (Figura 11).

Figura 11 – Prática Parental: Abuso Físico

A Figura 11 mostra que todos os participantes que apresentaram estilo parental de risco também apresentaram práticas parentais de risco. Segundo Salvo, Silvaes e Toni (2005) ao analisar o abuso físico se faz necessário diferenciá-lo de punição corporal, pois na punição nota-se a utilização da força física como forma de controle e correção de comportamento, mas que não há uma intenção de ferir, enquanto que o abuso físico é a consequência de constantes punições corporais que podem desencadear fatores de risco para o desenvolvimento infantil. Alguns pesquisadores citam que nos casos de abuso físico as crianças tendem a desenvolver alguns problemas, entre eles de comportamento, psicológico e até mesmo de saúde.

Estudos relacionados a prática de abuso físico, apresentam que na maioria dos casos o abuso é reconhecido e justificado como uma prática disciplinar, em que através dela o pai ou a mãe consegue respeito obter o respeito do filho, relacionando assim a ideia de poder e hierarquizando a relação. Também foi identificado que nos casos mais recorrentes de abusos físicos, o estilo parental predominante é o autoritário, em que os autoritários apresentam altos níveis de controle e baixa responsabilidade sendo assim, mais recorrente a presença da punição como forma de controle (Cassoni, 2013; Cecconello et al, 2003; Boeckel & Sarriera, 2006).

Segundo Cecconello et al (2003), as causas do abuso físico com crianças e adolescentes podem ser consideradas multifatoriais e diante dessa prática se faz necessário um olhar para todos os sistemas na qual a criança e a família está presente. A partir desses sistemas, é possível analisar que fatores internos e externos, como por exemplo, dificuldades financeiras, falta de rede de apoio social e fatores transgeracionais acabam tendo influência nas práticas presentes no ambiente familiar.

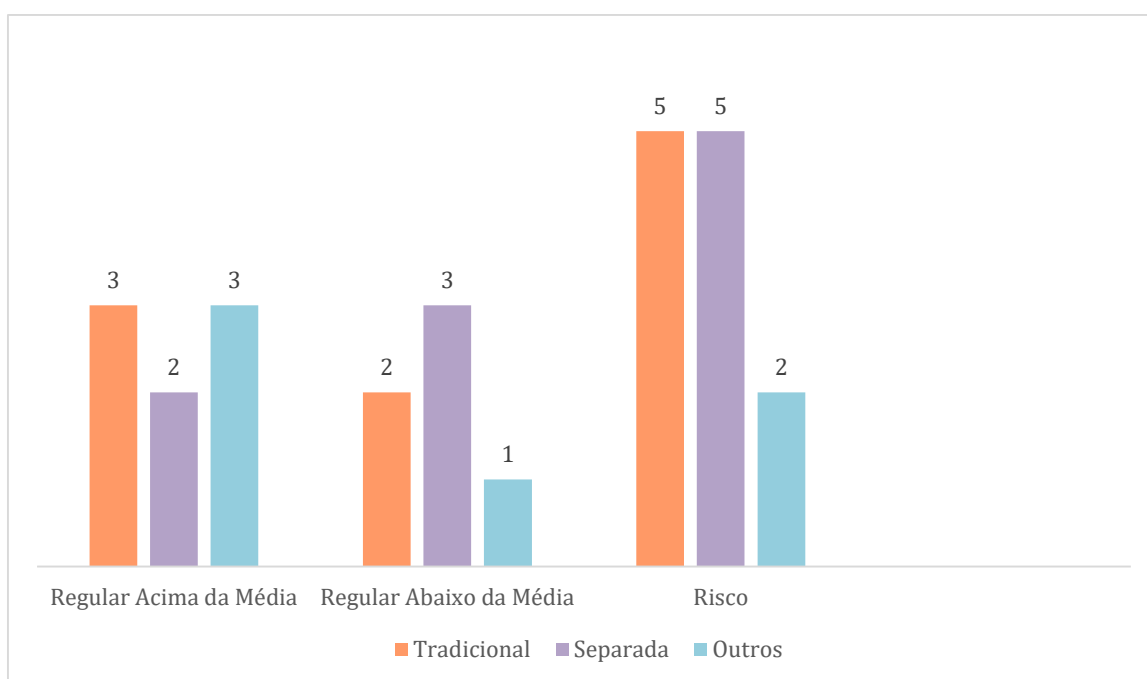
Em geral, pode se dizer que as práticas consideradas pró sociais obtiveram bons resultados, porém as práticas parentais negativas, sobrepõem as práticas positivas afetando o desenvolvimento das crianças. Os dados obtidos nesta pesquisa corroboram em partes com os dados de Gomide (2009), que em um estudo realizado com crianças afim de identificar a influência da profissão de mães sobre o estilo parental percebido pelos filhos, identificou que as mães tendem a recorrer com frequência as práticas negativas, sendo elas o abuso físico, negligência e a monitoria negativa. Diante disso, a autora sinaliza a importância de quando identificado a presença dessas práticas negativas, submeter os pais e as crianças em terapia de grupo, familiar ou/e individual.

Seção 03. Qual O Estilo Parental Identificado Na Autoavaliação Do Genitor E Na Avaliação Da Criança De Acordo Com O Tipo De Configuração Familiar?

Nos dados obtidos, foram identificadas cinco configurações familiares, sendo elas: tradicional, separada, monoparental, recasadas e extensa. Devido a poucos dados obtidos nas configurações monoparental, recasadas e extensa elas foram agrupadas na categoria outros, portanto, o estudo analisou três configurações (tradicional, separada e outro). Na configuração tradicional obteve-se uma análise de 28 IEP, sendo eles composto por 10 autoavaliações materna, cinco autoavaliações paterna, oito de crianças referente a mãe e cinco de crianças referente ao pai. Na configuração separada, foram identificados 31 IEP, sendo dez autoavaliações materna, duas autoavaliações paterna, 13 avaliações de crianças referente a mãe e 6 avaliações da criança referente ao pai. E por fim, a configuração outros que obteve 15 IEP, sendo seis autoavaliações materna, duas autoavaliações paterna, seis de crianças referente a mãe e uma de criança referente ao pai.

Na autoavaliação materna da família tradicional, foram identificados cinco (50%) estilos parentais de risco, três (30%) regular acima da média e dois (20%) regular abaixo da média. Na família separada, cinco (50%) mães apresentaram estilos parentais de risco, três (30%) de regular abaixo da média e dois (20%) regular acima da média. Já na configuração Outros, foram identificados três (50%) estilos parentais acima da média, seguidos de dois (33,33%) de risco e um (16,66%) regular abaixo da média. Conforme a Figura 12.

Figura 12 – Estilo Parental e Configuração Familiar: Autoavaliação Materna



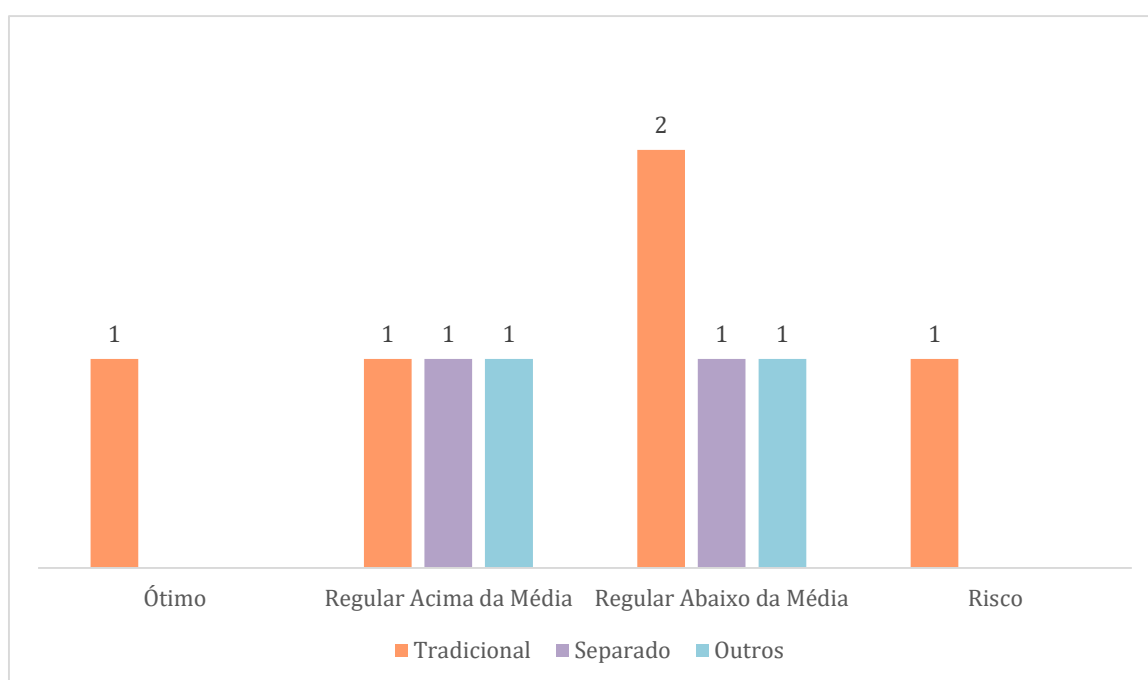
Nesta figura, é perceptível que o estilo parental prevalente nas configurações Tradicional e Separada é de risco. Porém, apesar da configuração Outros apresentar risco, a prevalência foi regular acima da média.

Os dados obtidos neste estudo, corroboram com a pesquisa realizada por Leme, Prette e Coimbra (2013) ressaltou a semelhanças encontrada entre as mães mesmo sendo de diferentes tipologias familiares. As autoras sinalizam que mesmo diante das transformações contemporâneas do papel da mulher na sociedade, as funções maternas ainda são muito presentes, no qual independente da configuração, ainda se observa a mulher como responsável pela educação dos filhos. Diante disso, é possível desmembrar a ideia ainda muito

presente na sociedade ocidental, de que em diferentes configurações os estilos vão ser mais problemáticos ou desajustados.

Na autoavaliação paterna, os pais da configuração tradicional apresentaram dois (40%) estilos parentais de risco, seguidos de um (20%) ótimo, regular acima da média e risco. Na configuração separada e outros, um (50%) pai apresentou estilo parental regular acima da média e o outro regular abaixo da média. Conforme a Figura 13.

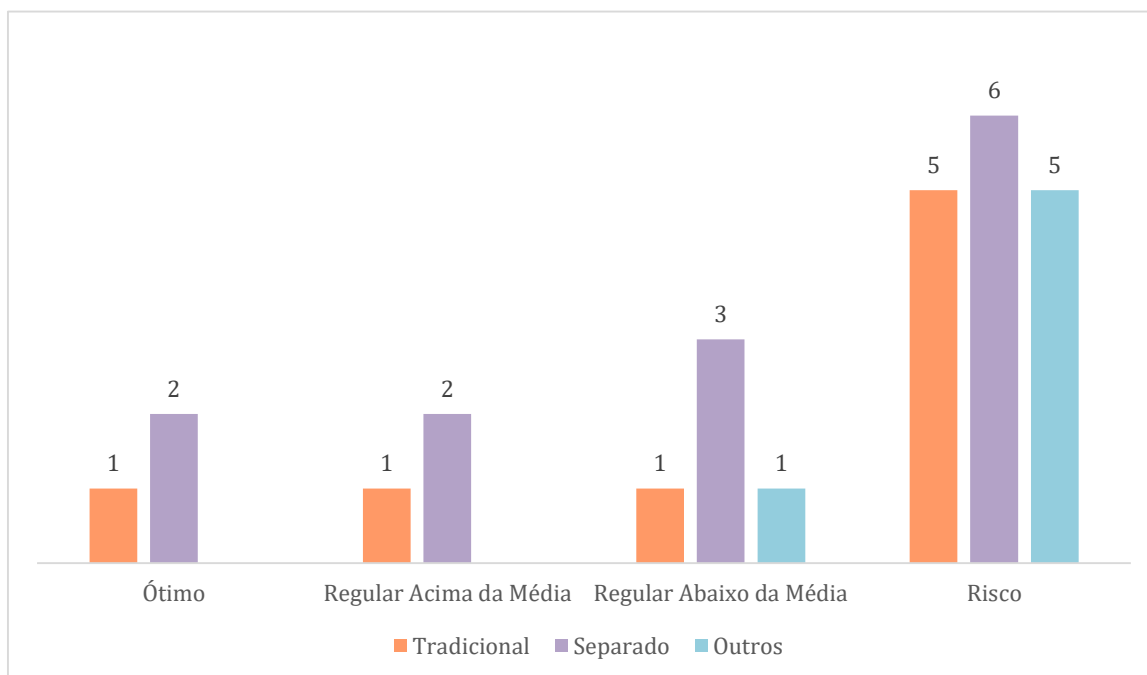
Figura 13 – Estilo Parental e Configuração Familiar: Autoavaliação Paterna



Nesta Figura, é possível observar que segundo a autoavaliação paterna a configuração tradicional obteve uma prevalência no estilo regular abaixo da média, enquanto que as configurações separado e outros foram equivalentes nos estilos parentais regular acima da média e regular abaixo da média.

Na avaliação da criança referente à mãe, a configuração tradicional apresentou cinco (62,5%) estilos parentais de risco e um (12,5%) ótimo, regular acima da média e regular abaixo da média. Na avaliação da configuração separada, seis (46,15%) apresentaram estilo parental de risco, três (23,07%) regular abaixo da média e dois (15,38%) ótimo e regular acima da média (Figura 14).

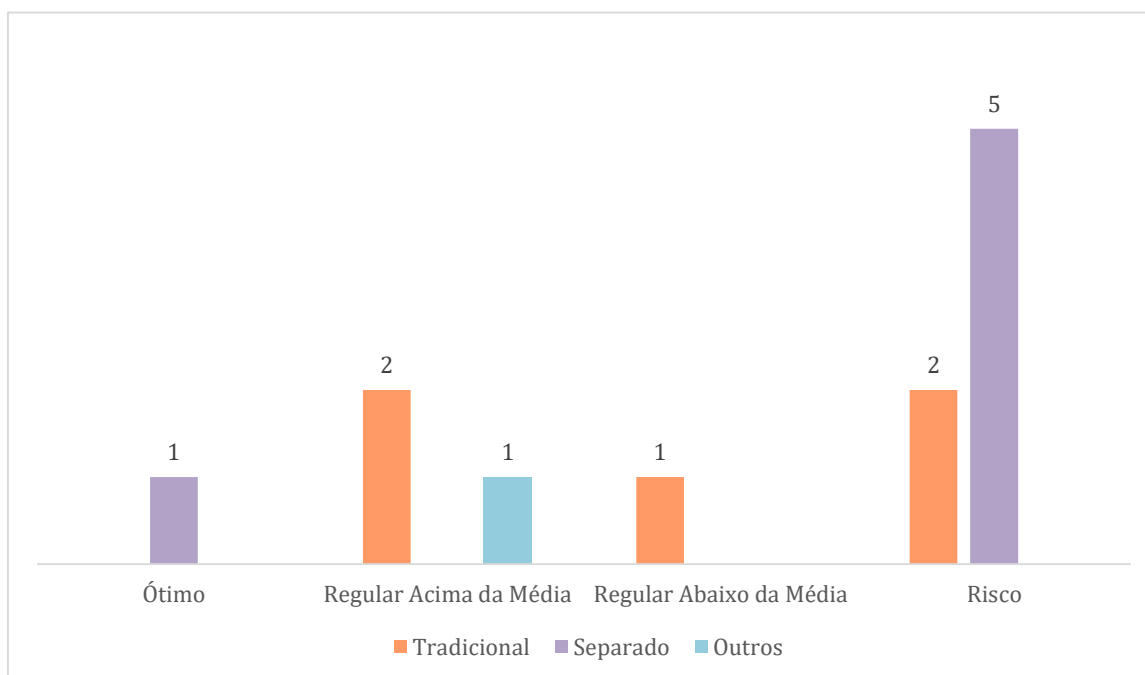
Figura 14 – Estilo Parental e Configuração Familiar: Avaliação da Criança Referente à Mãe



Na figura anterior, é possível analisar que na percepção da criança referente aos seus genitores o estilo parental de risco se agrega as três configurações familiares. Ao analisar e comparar a Figura 12 e a Figura 14 percebe-se que as percepções se coincidem, sendo assim, o estilo predominante na relação da mãe é o de risco.

Na avaliação da criança referente ao pai, foi possível identificar na configuração tradicional dois (40%) estilos parentais de regular acima da média e de risco, e um (20%) regular abaixo da média. Já na configuração separada foram identificadas cinco (83,33%) estilos parentais de risco e um (16,66%) ótimo. E na configuração outros, foi identificado apenas um (100%) estilo parental regular acima da média (Figura 15).

Figura 15 – Estilo Parental e Configuração Familiar: Avaliação da Criança Referente ao Pai



Na figura 15, foi possível observar que segundo a avaliação da criança referente ao pai o estilo predominante entre as configurações familiares foi a de risco. Porém, ao analisar a Figura 13 é possível reparar que as crianças tendem a ser mais crítica em sua análise.

Diante disso, é possível observar que de modo geral a configuração de risco foi presente em diferentes configurações familiares. Estudo realizado com uma criança de família não tradicional, apontou que alguns fatores, entre eles, a idade, sexo, a experiência e a maneira de compreensão da criança diante ao processo de separação pode influenciar os efeitos que a separação exercerá na criança. As autoras também ressaltam que “os comportamentos problema de crianças em famílias não tradicionais não se devem apenas aos novos modelos familiares, mas sim a um conjunto de contingências adversas que geralmente ocorrem com maior frequência nessas famílias” (Meurer & Menegatti, 2013, p.64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, teve como propósito identificar o estilo parental predominante e suas repercussões em diferentes configurações familiares, na perspectiva dos genitores e das crianças, que já foram ou estão sendo atendidas em uma clínica escola de psicologia.

Embora os estudos relacionados a estilo parental e práticas parentais vem sendo por muito tempo tema de interesse de pesquisadores no Brasil, o artigo apresentado vem apresentando retratos a partir das novas configurações familiares. Foi possível observar que dentre as autoavaliações e as avaliações das crianças referente aos seus genitores prevaleceu o estilo parental de risco. E ao se analisar quais as práticas destes estilos, a práticas pró sociais apresentaram bons índices, porém as práticas antissociais, também conhecidas como práticas negativas apresentou índices preocupantes, sobrepondo as práticas positivas e afetando principalmente o desenvolvimento infantil.

Já em relação as configurações parentais foram identificadas a prevalência de risco nas configurações tradicional, separado e outros (recasado, adotivo e extensa). Cabe ressaltar, que as amostras analisadas é apenas um recorte, sendo necessário, uma amostra maior para uma análise mais representativa.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2009). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 191-199.
- Barbosa, P. V., Neumann, A. P., Alves, C. F., Teixeira, M. A. P., & Wagner, A. (2017). Autonomia, Responsividade/Exigência e Legitimidade da Autoridade Parental: Perspectiva de Pais e Adolescentes. *PsicoUSF*, 22(1), 23-34.
- Baumrind, D. (1991). The Influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Benson, H. (2005). What interventions strengthen family relationships? – A review of the 181 evidence. Trabalho apresentado na 2nd National Conference on Relationship Education, London.
- Bérgamo, L. P. D. & Bazon, M. R (2011). Abuso físico infantil: analisando o estresse parental e o apoio social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 27(1), 13-21.
- Boeckel, M. G.; Sarriera, J. C. (2006). Estilos Parentais, Estilos Atribucionais E Bem-Estar Psicológico Em Jovens Universitários. *Revista Brasileira Crescimento E Desenvolvimento Humano*, 16(3), 53-65.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação entre pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Eucar em Revista*, 59, 17-33.
- Borsa, J., & Nunes, J. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bortolini, M., Andretta, I. (2013). Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 227-235.
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *As necessidades essenciais das crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Bronfenbrenner, U. 1994. Ecological models of human development. In T. Husten; N. Postlethwaite (Orgs.), *International encyclopedia of education* (pp.1643-1647). New York, Elsevier Science.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Tradução: Carvalho-Barreto, A. Revisão Técnica: Koller, S. H. Porto Alegre: Artmed.
- Camicia, E. G., da Silva, S. B., & Schmidt, B. (2016). Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. *Pensando Famílias*, 20(1), 68-82.
- Carmo, P. H. B., & Alvarenga, P. (2012). Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 191-197.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado. Retirado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122013-105111/pt-br.php>

Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. *Psicologia em Estudo*, 8(spe), 45-54

Cerqueira-Silva, S., & Dessen, M. A. (2018). *Programas de Educação Familiar para famílias de crianças com deficiência: uma proposta promissora*. *Contextos Clínicos*, 11(1), 59-71.

Cerqueira-Silva, S., Oliveira, N. R., & Dessen, M. A. (Manuscrito em preparação). *A dinâmica das famílias brasileiras em foco: passado e presente*. In M. A. Dessen (Org.), *Desenvolvimento familiar no curso de vida*.

Cia, F., Pamplin, R. C., & Del Plete, Z. A. P. (2006). *Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos*. *Paideia*, 16(35), 395-406.

Conte, F. C. S. (2001). *Promovendo a relação entre pais e filhos*. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 161- 168). Santo André: Esetec.

Dessen, M. A. 2012. *Introdução*. In L. E. Melchiori, O. M. P. R. Rodrigues, A. C. B. Maia, (Orgs.), *Família e Criança: reflexões teórico-práticas* (pp.13-28). Curitiba, Juruá.

Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). *As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança*. In M. A. Dessen; A. L. Costa-Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp.132-149). Porto Alegre, Artmed.

Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. *Paidéia*, 17(36), 21-32.

Falcke, D., Rosa, L. W., & Steigleder, V. A. T. (2012). *Estilos Parentais em Famílias com Filhos em Idade Escolar*. *Revista Interinstitucional de Psicologia*. 5(2). 282-293

Gauy, F.V., & Costa-Júnior, A.L. (2005). *A natureza do desenvolvimento humano: contribuições das teorias biológicas*. In M.A. Dessen & A.L. Costa-Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 53-70). Porto Alegre: Artmed.

Goitein, P. C., & Cia, F. (2011). *Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional*. *Psicologia Escolar Educacional*, 15(1): 43-51.

- Gomide, P.I. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas, SP: Alínea Editora.
- Gomide, P. I. C. Et Al (2005). Correlação Entre Práticas Educativas, Depressão, Estresse E Habilidades Sociais. *Psico-Usf*, 10(2), 169-178.
- Gomide, P. I. C. (2009). A Influência Da Profissão No Estilo Parental Materno Percebido Pelos Filhos. *Estud. Psicol.*, 26(1), 25-34.
- Gomide, P. I. (2006). Inventário de estilos parentais - IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gottlieb, G. (2003). Probabilistic epigenesis of development. In J. Valsiner, K. Connolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp.3-17). London, Sage Publications.
- Grisante, P, C., & Aiello, A. L. R. (2012). Interações familiares: observação de diferentes subsistemas em família com uma criança com Síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(2): 195-212.
- Hutz, C. S. & Bardagir, M. P. (2006) Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USE*, 11(1), 65-73.
- Hoffman, M. L (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228-239.
- Leme, V. B. R.; Del Prette, Z. A. P.; Coimbra, S. (2015) Social Skills, Social Support And Well-Being In Adolescents Of Different Family Configurations. *Paidéia*, 25(60), 9-17.
- Macarini, S. M. Et Al (2010). Práticas Parentais: Uma Revisão Da Literatura Brasileira. *Arq. Bras. Psicol.*, 62(1), 119-134.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization In The Context Of The Family: Parent-Child Interaction. *Handbook Of Child Psychology*. 4(1). 1-101.
- Maia, J. M. D.; Williams, L. C. A. (2005) Fatores De Risco E Fatores De Proteção Ao Desenvolvimento Infantil: Uma Revisão Da Área. *Temas Em Psicologia*, 13(2), 91 – 103.
- Meurer, P. H.; Menegatti, C. L. (2013) Estudo De Caso Sobre Problemas De Comportamento De Uma Criança Inserida Em Uma Família Não Tradicional. *Interação Psicol.*, 17(1), 59-65.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas Educativas Parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia/Argumento*, 26(54), 233-244.
- Nunes, C. C., Silva, N. C. B., & Aiello, A. L. R. (2008). As contribuições do papel do pai e do irmão com necessidades especiais na visão sistêmica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 37-44.

Oliveira, T. T., & Caldana, R. H. (2004). Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 585-593.

Petzold, M. (1996). The psychological definition of "the family". In M. Cusinato (Org.), *Research on family: resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie.

Pinheiro, M. I. S. et al (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicol. Reflex. Crit.*, 19(3), 407-414.

Pinto, L. A. P. A., & Colossi, P. M. (2017). Percepção materna acerca das práticas educativas coercitivas e a transmissão de modelos familiares. *Contextos Clínicos*. 10(2), 157-171.

Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38 (3), 292-299.

Rinhel-Silva, C. M., Constantino, E. P., & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de psicologia*. 29(2). 221-230.

Rodrigues, O. M. P. R, Nogueira, S. C. & Altafim, E. R. P. (2013). Práticas parentais maternas e a influência de variáveis familiares e do bebê. *Pensando Famílias*. 17(2). 71-83.

Roig, A. M. & Ochotorena, J. P. (1993). *Maltrato y abandono en la infancia*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

Salvador, A.P.V., & Weber, L.N.D. (2008). A relação entre práticas educativas e estilos parentais como o desenvolvimento de crianças e adolescentes. In Weber, L.N.D. (Org.), *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp.59-79). Curitiba: Juruá.

Salvo, C. G.; Silves, E. F. M.; Toni, P. M. (2005)Práticas Educativas Como Forma De Predição De Problemas De Comportamento E Competência Social. *Estud. Psicol.*, 22(2), 187-195.

Sampaio, I. T. A. (2007). Inventário De Estilos Parentais (Iep): Um Novo Instrumento Para Avaliar As Relações Entre Pais E Filhos. *Psico-USf*, 12(1), 125-126.

Toni, C. G.S.; Hecavei, V. A. (2014). Relações Entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. *Psico-USF*, 19(3), 511-521.

Trost, J. (1995). O processo de formação da família. In J. Gomes-Pedro e M.F. Patrício (Orgs.), *Bebê XXI: criança e família na viragem do século* (pp. 55-67). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tucunduva, C., & Weber, L. N. D. (2008). Práticas educativas parentais: fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento dos filhos. In: Weber, L. (Org.), *Família e Desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 80-101). Porto Alegre: Juruá.

Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.

Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.

Weber, L. N. D. (2008). Interações entre família e desenvolvimento. In Weber, L. (Org.), *Família e Desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 9-20). Porto Alegre: Juruá.

Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*. 8(1), 71-79.

Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações-transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16, 407-414.

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilo parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-332.

APÊNDICE**APÊNDICE A – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E ESTILO PARENTAL****1. Dados de Identificação**

Número do prontuário: _____

Idade da criança: _____ Data de nascimento: _____

Sexo da criança: Masculino () Feminino ()

Escola: Pública () Particular ()

Escolaridade: _____

Idade da mãe: _____ Escolaridade da mãe: _____

Profissão da mãe: _____

Idade do pai: _____ Escolaridade do pai: _____

Profissão do pai: _____

Local de moradia: _____

2. Configuração familiar

- () Tradicional/nuclear (pai, mãe e filho(s) biológico)
- () Recasadas (presença de padrasto ou madrasta)
- () Pais separados (pai e mãe separados, mas ambos exercendo a parentalidade)
- () Monoparental (somente pai ou somente mãe exercendo a parentalidade)
- () Homoafetiva (casal de união homoafetiva)
- () Extensa (presença do pai e da mãe e outros familiares: avó/avô ou tios/tias)
- () Outra: _____

3. Estilo Parental

Auto avaliação Materna
IEP:
Monitoria Positiva:
Comportamento Moral:
Punição Inconsistente:
Negligência:
Disciplina Relaxada:
Monitoria Negativa:
Abuso Físico:

Auto avaliação Paterna
IEP:
Monitoria Positiva:
Comportamento Moral:
Punição Inconsistente:
Negligência:
Disciplina Relaxada:
Monitoria Negativa:
Abuso Físico:

Avaliação da criança
IEP:
Monitoria Positiva:
Comportamento Moral:
Punição Inconsistente:
Negligência:
Disciplina Relaxada:
Monitoria Negativa:
Abuso Físico:

